

Meu coração recorda ao ver-te assim,
quando os amenos ventos ondulavam
os teus cabelos negros que encimavam
a testa sábia e lisa tal cetim;

Quando em teu rosto suave de delím,
dois olhos de condor audaz lançavam
pelos céus além, os sonhos que sonhavam,
jovens e ousados nos ideais sem fim.

Mas se as marés da vida te enrugaram
a lisa tez; cabelos te roubaram;
e sonhos ruíram nesse olhar cansado...

Meu coração revê-te, deslumbrado,
pela sapiência que emergiu florida
da murcha flor-beleza em despedida.

Carmo Vasconcelos, Marés da vida. CV043

Ao contemplá-la, triste emurcheçada,
os galhos nus, de flores despojados
sem a seiva que outrora tanta vida
lhe trazia em renovos delicados;

ao vê-la assim tão só, tão esquecida,
tendo gozado dias tão folgados,
ao som dos passarinhos namorados,
que nela achavam sombra apetecida.

Ai! Sem querer encontro semelhanças
entre meus sonhos e minhas esperanças
e a mirrada árvore dolente.

Ela perdeu as folhas verdejantes
bem como eu as ilusões fragrantas
que outrora me embalavam docemente.

Francisca Clotilde, A árvore. CV043

Não devemos seguir, sem mais nem menos,
pelo caminho que não leva a nada;
vivamos essas horas e serenos,
enfrentemos outra melhor estrada...

Tu deves ser minha feliz amada
para que os versos sejam mais amenos;
não haverá canção desesperada,
nem despedida em cruciais acenos...

Mas eu te lembro sempre, noite e dia,
co'aqueles ares de melancolia
que te fazem assim mais bela ainda...

Vives inteira nos sentidos cantos
que te dedico, quando meus espantos
fogem além, dentro da noite infanda!

Ialmar Pio Schneider, Soneto. CV262

SELEÇÕES EM FOLHA

Ano XVIII, Nº 10 – 2014 OUTUBRO

Assinatura até 31.12.15: 14 selos postais
de 1º Porte Nacional Não comercial (R\$ 0,85).

Delicie-se com obras mestras de Contos e Poesias!

☀ www.haiku.sf.nom.br ☀

Castanha ligeira Roda, castanha
que vem do Pará e torna a rodar
no meio da roda no meio da roda
ninguém te achará. ninguem te achará

Em roda, cantando, passam escondendo de mão em mão, uma castanha. No meio, uma menina vai procurando a castanha nas mãos das amiguinhas, até achá-la. A que for encontrada com a castanha, passa então a ficar sozinha na roda, na vez seguinte.

Chuva de Versos 262
universosdeversos@gmail.com

Chuva de Versos 043 e 262 – universosdeversos@gmail.com;
http://universosdeversos.blogspot.com.br/2014/07/jose-feldman-chuva-de-versos-n190.html

Aos estudos deu valor,
mas ganha feito operário,
e com trauma o professor
nem reclama do salário...

Analice Feitoza de Lima, 0710
Fanal: R. Álvares Machado 22, 2º
01501-030 – São Paulo/SP

Não chore o fim do romance,
busque um novo, sem tardança,
sempre existe nova chance
para quem tem esperança.

Elidir D'Oliveira

Em nosso mundo, ao redor
da Natureza Divina,
não há sedução maior
que a beleza feminina...

João Batista Serra, 1110
O Patusco: Caixa Postal 95
61600-970 – Caucaia/CE

Quando foi dada a partida,
com mil gametas brigando,
eu lutei por minha vida,
e... continuo lutando!

Héron Patricio

Se a sorte não me convida,
teimoso, forças concentro,
e entro na festa da vida
como penetra... mas entro!

J.Tavares de Lima, 0710 Ttova-
legre: Pça. José Bento 162, Ap 301
37550-000 – Pouso Alegre, MG

Eu não sou navegador,
mas enfrento o mar da vida,
por causa do nosso amor
que não teve despedida.

Ialmar Pio Schneider

Paixão nos envolve, aflora,
ocorre rapidamente
e depois, como demora!
sair da cuca da gente...

Manoel F. Menendez

Paixão não se debilita...
mesmo longe, ainda te vê.
Qual bandeira em que está escrita
a saudade por você...

José Feldmann

Devedor enclacrado
faz tudo que for preciso
para fugir do acertado
nem o quiabo é tão liso!

Nato Azevedo, 1009 Binóculo
ivonildodias@secrel.com.br
jbatista@unifor.br

A volta sempre esperada,
do amor que um dia partiu,
se chega de madrugada,
parece que o sol surgiu.

Mº App. Picanço Goulart

Tanta neblina me encobre,
na nuvem do meu desejo,
em cada esquina que eu dobre,
é só teu vulto que eu vejo.

Renata Paccola, 1010 Trinos
do Pitiguarí: R. Guanabara 542
59014-180 – Natal/RN

Mesmo em flagrante apanhado,
já se desculpa o "seu" Zé:
– "Trambique? Foi, delegado.
Mas com toda a boa fé..."

Wanda de Paula Mourthé

Chuva de Versos 262 – universosdeversos@gmail.com; – http://universosdeversos.blogspot.com.br/2014/07/jose-feldman-chuva-de-versos-n190.html

1. Preencher até três haicus, (veja quigos ao lado, à escolha) em uma única ½ folha de papel, com nome, endereço e assinatura. Despachá-la normalmente pelo correio e/ou e-mail com nome, **endereço** e **CEP** do remetente, até o dia 30 do respectivo mês.

2. Posteriormente o haicuísta receberá, devidamente numerada, a relação dos haicus desse mesmo mês (sujeita a possíveis falhas no texto e sem a devida correção em tempo hábil), afim de selecionar 10% deles.

Festival de bolhas.
Meninos sopram no espaço,
bolhas de sabão.

Analice Feitoza de Lima

Pairando no ar,
aragem da madrugada
precede a manhã.

Argemira F. Marcondes

Cai como um gozo
encharca os galhos secos.
Chuva-de-caju.

Amauri do Amaral Campos

Na repartição,
no Dia do Barnabé,
confraternidade.

Flávio Ferreira

Vento muito forte
castigando o cajueiro...
Chuva de cajus!

Leonilda Hilgenberg Justus

Jataí no tronco.
Um ninho em forma de tubo.
Preparando mel.

Mº Marlene N. T. Pinto

Cerejeira em flor
no Japão é sakura.
Chegou a primavera!
Nadyr Leme Ganzert

QUIDAIAS DE PRIMAVERA



TEMAS DE PRIMAVERA

SELEÇÕES MENS AIS

FAZER E ENVIAR ATÉ TRÊS HAICUS

Até o dia 30.10.14, enviar até 3 haicus de quigos Dia do Aposentado, Manjuba, Melancia.
Até o dia 30.11.14, enviar até 3 haicus de quigos Arco-íris, Carnaval de rua, Dama-da-noite.

Enviar para: Manoel Fernandes Menendez
Rua Des. do Vale 914, Ap 82.
05010-040 - São Paulo, SP.

ou mfmendez@superig.com.br

HAICUS BRASILE



IROS EM FOLHA

Chuva de granizo.
A devastação do parque
espera os garis. D

Alba Christina

Na beira do parque
os ninhos de quero-queros
chamam os passantes. G

Alba Christina

Fugindo do frio,
uma lua enevoada
se esconde no alto.

Alba Christina

No quintal, bem cedo,
o grito do quero-queru
acorda o pessoal. C

Angelica Villela Santos

Dia do Correio.
Os carteiros, sorridentes,
recebem aplausos. G

Angelica Villela Santos

Roça. Tomateiros.
O granizo a tudo cobre.
É perda total. G

Angelica Villela Santos

Já salta o girino.
Na lagoa, os pais vigiam
o filhinho esperto.

Angelica Villela Santos

Violência na Terra.
Incêndios queimam as matas.
Lua enevoada.

Angelica Villela Santos

Rio. Corredeiras.
Véu de noiva entre as pedras.
Cascata espumante.

Angelica Villela Santos

Cena de jardim.
Só canteiros de gladiólos.
Plena floração!

Angelica Villela Santos

Boné vira cuia,
no temporal de granizo:
guris chupam balas. D

Antonio Cabral

Cartão postal,
na caixa postal vazia:
Dia do Correio. G

Antonio Cabral

Galo índio bravo,
expulsando quero-queros
na hora da janta. G

Antonio Cabral

Calor infernal
esvai refrescante bafo
da brisa vernal.

Fernando Soares

Dupla enamorada
frustrando muda e distante
a lua enevoada.

Fernando Soares

Pende érica em flor
no arbusto e passante assusta
a esplêndida cor.

Fernando Soares

Pulsa alegre bando
de folhas... ciclame em flor
pescoço espichando.

Fernando Soares

Pedrinhas de gelo
espalhadas sobre a grama.
Chuva de granizo. A

Renata Paccola

Agência central
inaugura exposição.
Dia do Correio. A

Renata Paccola

Na chegada à praia,
o canto de um quero-queru
recebe turistas. G

Renata Paccola

Horta devastada.
Goteiras em toda a casa.
Chuva de granizo. D

Roberto Resende Vilela

Gostoso refresco:
sob o carinho da brisa,
cabelos voando.

Renata Paccola

No Dia da Ave,
pássaro sai da gaiola.
Livre para voar.

Renata Paccola

Frutinhas caindo
n'água. Círculos concêntricos.
Pia o quero-queru. G

Roberto Resende Vilela

Caminha à vontade
o carteiro da região.
Dia do Correio. G

Roberto Resende Vilela

Encosta escarpada.
Manhãzinha ensolarada.
Reflexos. Cascata.

Roberto Resende Vilela

Final de borrasca.
Arco-íris pelos céus.
Chora a capuchinha.

Roberto Resende Vilela

Salão enfeitado.
Música, dança e sorrisos.
Dia do Ancião.

Roberto Resende Vilela

SANTOS DUMONT – FIGURA CENTRAL NO NASCIMENTO DA AVIAÇÃO

10 Maiores revolucionários, Fábio Marton; Aventuras na História, Edição 135 – Outubro 2014

Numa lista com Alexander Graham Bell, James Watt e Thomas Edison, pode parecer patriotada que a eleição para o maior revolucionário entre os inventores tenha escolhido o mineiro Alerto Santos Dumont. Vale lembrar que Dumont personifica a imagem ideal que o Brasil quer para si: um país civilizado, que oferece contribuições cruciais para o mundo, com extrema generosidade.

O artista plástico Guto Lacaz menciona Dumont como aquele que “conquistou o voo controlado com os mais leves e com os mais pe-

sados que o ar”. E o engenheiro Luiz Rocha fala dele como o “inventor do melhor meio de transporte do mundo, o avião”. Dumont, no Brasil, simplesmente “inventou o avião”. Sem fugir da polêmica, a história é um pouco mais complicada que isso. A relevância do brasileiro não está na primazia. Ele não foi o primeiro a apresentar um avião funcional, o que é a razão por que os norte-americanos irmãos Wright são considerados os inventores no resto do mundo.

Em agosto de 1908, os Wright se apresentaram em Le Mans na França. Os franceses ficaram

boquiabertos. O Flyer era o primeiro avião prático do mundo, capaz de voo controlado, dando voltas, subindo e descendo. Não era um protótipo que andava em linha reta, a distância era medida em quilômetros, não metros, e o voo em minutos, até horas, não segundos. O avião já era uma realidade.

A razão do segredo dos norte-americanos é o medo que tinham que alguém roubasse seu invento. Eles haviam passado dois anos sem voar para assegurar suas patentes. Tudo no Flyer era patenteado. A ideia era ter o monopólio da

indústria da aviação. Quem quisesse um avião, teria de comprar deles.

É aí que entra a contribuição de Dumont – e a sua generosidade. Ele, que não foi ver as apresentações dos irmãos Wright, continuou a trabalhar no Demoiselle, que se tornaria o segundo avião funcional, mais rápido que o Flyer, e primeiro a ser produzido em série. Diferente do modelo norte-americano, tundo no Demoiselle era aberto – o inventor brasileiro não apenas não patenteava nada, mas incentivava as pessoas a copiarem livremente. Mais de

cem deles foram produzidos, e neles pioneiros da aviação, como o francês Roland Garros, fizeram seus primeiros voos. Certos

conceitos do Demoiselle, como trem de pouso em triciclo e a "cauda", os controles aerodinâmicos em posição de traseira, se

tornariam universais



Brincávamos a cair nos braços um do outro, como faziam as atrizes nos filmes com o marlon brando, e depois suspirávamos e ríamos sem saber que habituávamos o coração à dor. queríamos o amor um pelo outro sem hesitações, como se a desgraça nos servisse bem e, a ver filmes, achávamos que o peito era todo em movimento e não sabíamos que a vida podia parar um dia. eu ainda te disse que me doíam os braços e que, mesmo sendo o rapaz, o cansaço chegava e instalava-se no meu poço de medo. tu rias e caías uma e outra vez à espera de acreditares apenas no que fosse mais imediato, quando os filmes acabavam, quando percebíamos que o mundo era feito de distância e tanto tempo vazio, tu ficavas muito feminina e abandonada e eu sofria mais ainda com isso. estavas tão diferente de mim como se já tivesses partido e eu fosse apenas um local esquecido sem significado maior no teu caminho. tu dizias que se morrêssemos juntos entraríamos juntos no paraíso e queria culpar-me por ser triste de outro modo, um modo mais perene, lento, covarde. Eu amava-te e julgava bem que amar era afeiçoar o corpo ao perigo. caía eu nos teus braços, fazias um bigode no teu rosto como se fosses o marlon brando. eu, que te descobria como se descobressem fantasias no inferno, não queria ser beijado pelo marlon brando e entrava numa combustão modesta que, às batidas do meu coração, iluminava o meu rosto como lâmpada falhando

a minha mãe dizia-me, valter tem cuidado, não brinques assim, vais partir uma perna, vais partir a cabeça, vais partir o coração. e estava certa, foi tudo verdade.

Brincávamos a cair nos braços um do outro

Deixa-me perguntar se te pareço tão assustado assim. Não me sinto deslocado, talvez curioso, mas nem surpreso. algo em ti me puxa sempre ao sentimento, mesmo antes de te conhecer, lembrás-te, uma propensão para te tratar bem, cuidar, vulnerabilizar os meus modos, recusar admitir que também eu sou capaz de crueldades quotidianas e impunes. queria conversar contigo sobre o nelson, que foi ver as coisas a arder fotografando a própria pele. queria falar-te da isabel e de como choramos juntos, muito maricas, quando nos correm mal estes amores ou, pior, a

nossa amizade. esta noite sonhei contigo e achei graça dizer-te que cheirava mal na nossa cama. que me incomodou a luz a entrar pela persiana por fechar. que ouvi com dor o orgasmo da vizinha de baixo

queria que soubesses que também eu poderia ter ardido para o nelson fotografar. queria que soubesses que também poderia parar de chorar pela isabel. queria que soubesses que o faria exclusivamente para arruinar o meu coração, se fosse a tua vontade e com isso te deixasse em paz. faria qualquer coisa, ainda que quisesse morrer a seguir, faria qualquer coisa que, por um instante, te pusesse a pensar em mim.

Nenhum amor escapa impune

Não me olhes agora que estou mais velho e não correspondo em nada ao homem que amaste, procura encarar a tristeza sem me incluíres, seria demasiado cruel que me usasses para a dor. para ti quis trazer as coisas mais belas e em tudo o que fiz pus o cuidado meticuloso de quem ama. não me obrigues a cortar os pulsos quando fores num minuto ao jardim com o cão

esta noite, sem notares, sustive a respiração e quase morri. não deste por nada. julgaste que voltei a rressonar e até terás esboçado um sorriso. e se eu pudesse morrer enquanto sorris, pergunto

deixo para depois, ou talvez desista. mas não pode ser se tu me olhares em busca de tudo o que já não existe. não pode ser, levo a faca maior para debaixo do meu travesseiro, juro-te que me mato se continuares assim.

O homem que já não sou

Inventaram um amor eterno. trouxeram-no em braços para o meio das pessoas e ali ficou, à espera que lhe falassem. mas ninguém entendeu a necessidade de sedução. pouco a pouco, as pessoas voltaram a casa convicidas de que seria falso alarme, e o amor eterno tomou no chão. não estava desesperado, nada do que é eterno tem pressa, estava só surpreso. um dia, do outro lado da vida, trouxeram um animal de duzentos metros e mil bocas e, por ocupar muito espaço, o amor eterno deslizou para

fora da praça. ficou muito discreto, algo sujo. foi como um louco o viu e acreditou nas suas intenções. carregou-o para dentro do seu coração, fugindo no exacto momento em que o animal de duzentos metros e mil bocas se preparava para o devorar.

Poema sobre o amor eterno

Prometo ser-te fiel se mo fores também, não é certo que mo venhas a ser. por isso, já to perdoo

prefiro partir assim para o resto da vida. assim, com os olhos abertos à frustração e talvez à vulnerabilidade

não prevejo nada em concreto, acredita, não tenho olhos para outras moças, só o digo assim por ser verdade

que tarde ou cedo havemos de encontrar nos outros motivos de inusitado interesse, e depois, pergunto,

vale mais que acordemos um amor sobreposto ao futuro, um amor agora que tenha conhecimento do futuro

e não esperar mais nada senão a verdade. a decadente verdade que chega já depois dos primeiros beijos.

Modo de amar

Não escondemos que aprendemos a capitalizar o amor, entregando amplamente os nossos melhores momentos às raparigas mais carentes. o amor, sabemos bem, é o caminho directo para a inutilidade, e nós procuramos as raparigas que mais rapidamente se inutilizem perante as coisas clássicas da vida. não nos queremos atarefar com a vulgaridade, e gostaríamos até de impregnar cada gesto com características alienígenas, mas o tempo escapa-se e o dinheiro também e, se só pensamos no amor, não temos como fazer de outro modo senão vendê-lo entusiasticamente, como fontes de trovões bonitos jorrando nas praças mais movimentadas das cidades. e as raparigas correm para nós urgentes e cheias de vida, férteis de tudo quanto o amor se abate sobre elas, uma alegria rica de se ver, e nós a balançar os braços para chamar a atenção de mais e mais e já nem sabemos como parar, como forças incontroladas, à semelhança de mecanismos ferozes da natureza, e só sairemos daqui quando desfalecermos de amor até pelas raparigas mais feias.

A capitalização do amor

Valter Hugo Mãe, Contabilidade – Poesia 1996-2010 – www.mae, valter hugo - Livraria Cultura

Se fossem os índios que tivessem desembarcado em Portugal e ficado, pode-se imaginar o que esaria acontecendo por lá hoje, 500 anos depois. A irritação dos portugueses com os visitantes teria chegado ao máximo, e ninguém disfarçaria seu descontentamento. "Mas esses gajos não vão embora?" Passados 500 anos, e não havendo mais dúvidas de que os visitantes não eram turistas, só a boa educação explicaria que a visita se prolongasse sem protestos, sem nem uma indireta.

Foi a boa educação dos nativos daqui que permitiu aos portugueses e a outros europeus se estabelecerem no Brasil. Houve revoltas esparsas,

é verdade, mas foram exceções. Em geral, os índios foram amáveis com os visitantes. Gostaram dos brancos e até comeram alguns, no que podem ser descritas como provas de afeição extrema. É possível que a tolerância com os "descobridores" se devesse a, mais do que bons modos, um mal-entendido. Haveria expectativa entre os nativos de que os portugueses cedo ou tarde iriam embora. Quem fica na terra dos outros durante tanto tempo sem ser convidado?

O mal-entendido e os bons modos atravessaram a história da conquista do Novo Mundo, que só era novo para os conquistadores, pois estava

aqui, e habitado, há séculos. Roubo, genocídio catequese forçada, tudo teria sido tolerado com o pressuposto de que era temporário. Afinal, por pior que uma visita se comporte em sua casa, existem os deveres da hospitalidade. Vá que a visita se sinta ofendida por alguma reação impensada e decida ficar ainda mais tempo.

Finalmente, 500 e tantos anos depois, não parece haver mais dúvida de que não era apenas uma visita e os invasores não eram turistas. Acabou o mal-entendido e acabaram os bons modos. A nova insubmissão às mentiras da História oficial é uma insubmissão a todas as versões oficiais de todas as histórias de subju-

gação e exploração neste lado do mundo e serve como padrão para a revolta contra qualquer tipo de "bullshit", ou bosta de touro, vigente, como a da nossa velha e conveniente cordialidade e nossa harmonia racial.

Negros brasileiros – para pegar apenas um exemplo de maus modos – se revoltam contra antigos estereótipos, levantam a voz contra uma história decididamente mal contada e pedem justiça mesmo que tardia. Já os índios, se pudessem, proporião aos portugueses devolver os espelinhos e as miçangas e receberem de volta o Brasil. Mas isso seria, literalmente, pedir demais.

Luís Fernando Veríssimo, Maus modos – Estação, Cademo 2 C14, 21.09.14

Podes crer, com um dia de doença já aprendo a morrer.

Na poça da lua o vira-lata lambe a lua.

É meu conforto da vida só me tiram morto.

O pato, menina, é um animal com buzina.

Não me contem! Ele era tão famoso antes de ontem!

Viva o Brasil onde o ano inteiro é 1º de abril.

Mestre, respeito o Senhor, mas não a Sua Obra; que Paraíso é esse que tem cobra?

Socialistas imundos: querem acabar com os vagabundos!

É tudo natural a galinha – podeira; o galo – teatral.

Com quem grandeza ele se elevou às maiores baixezas!

Olha, entre um pingo e o outro a chuva não molha.

Liderar não é nada duro: as perguntas são sempre no presente, as respostas são todas no futuro.

Eu sofro de mimfobia tenho medo de mim mesmo mas me enfrento todo dia.

De mim só uma coisa vai ficar: o busto que eu mesmo fiz na tumba que eu mesmo cavar?